

A MEMÓRIA SOCIAL DA DIOCESE DE SOBRAL SOBRE O SEMINÁRIO DA PRAINHA

Gisafran Nazareno Mota Jucá ¹

RESUMO: O Seminário da Prainha se destacou como uma instituição de formação religiosa, a nível regional, uma vez que era a única casa de formação do clero secular, no Ceará, a oferecer o chamado "Seminário Maior", que ofertava os Cursos de Filosofia e Teologia. A maioria dos seminaristas da Diocese de Sobral foram alunos do referido Seminário e o depoimento de alguns deles é significativo, para compreender o papel desse Seminário, na história eclesial regional e as razões do seu fechamento. O uso da história oral, como opção metodológica, objetivou não apenas a ampliação do número de informações coletadas, mas a utilização de um recurso metodológico interdisciplinar, que nos propiciou uma melhor compreensão da temática analisada.

Palavras Chave: História Eclesial, História Oral, Formação Sacerdotal

ABSTRACT: The Prainha Seminary stood as an institution of reference in religious education at the regional level, since it was the only institution in Ceará, to offer the so-called "Seminário Maior" that offered courses of Philosophy and Theology. Most seminarians of Diocese of Sobral were students of that seminary. Their narratives are a testimony for understanding the significance of this Seminar, regional ecclesiastical history and the reasons for its closure. The use of oral history as a methodological approach aimed not only to increase the number of collected information, but the use of an interdisciplinary methodological approach, which allowed us a better understanding of the subject studied.

Key words: Ecclesiastical History, Oral History, Priest Formation

1. RAZÕES DA INSTALAÇÃO DO SEMINÁRIO E DO SEU DECLÍNIO:

O histórico dessa instituição, à primeira vista pode afigurar-se como um estudo de história local, considerando a sua localização, na capital do Ceará, mas o seu conteúdo nos remete a um cenário bem mais abrangente, onde o local, o regional ou mesmo o curso da história universal se entrecruzam, revelando-nos o entrelaçamento e uma micro e macro história. A romanização, a carga da Igreja Católica, a implantação da Diocese de Fortaleza, o acolhimento de jovens, dedicados à formação eclesial, no Seminário da Prainha nos revelam a dinâmica desse processo, afinal

¹ Professor Titular do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Membro da Associação Brasileira de História Oral, (ABHO) e Professor Aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

O presente artigo é fruto da nossa pesquisa de Pós-Doutorado em História Cultural, cursado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, que nos proporcionou a oportunidade de escrever o livro "Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva", a ser publicado pela Editora da Universidade estadual do Ceará, (EdUECE).

A romanização foi a modernização conservadora do catolicismo brasileiro. Ao mesmo tempo que representou uma reação contra a modernidade foi também seu produto e sua promotora,[...] A romanização a mesmo tempo mudou a igreja e preservou-lhe as tradições [...]a romanização foi a "europeização" do catolicismo brasileiro. (SERBIN, 2008, p.81.)

A citação apresentada sintetiza tal processo como uma iniciativa marcante de prelados católicos.O nosso estudo objetiva propiciar a análise histórica de uma instituição religiosa, instalada em Fortaleza em 1864, sob a direção dos padres lazaristas.As razões da sua implantação, após a criação da diocese do estado do Ceará, expressam o significado desse processo de romanização, como iniciativa marcante de prelados católicos.

Os lazaristas, ordem religiosa fundada por São Vicente de Paulo, permaneceram responsáveis pelo Seminário da Prainha, até 1963, quando o Superior geral dessa ordem religiosa decidiu entregar sua direção à arquidiocese de Fortaleza, cujo arcebispo era Dom José de Medeiros Delgado.

Esses dois períodos históricos, segunda metade dos século dezanove e vinte, representam momentos reveladores no processo de urbanização de Fortaleza.A segunda metade do século XIX favorecia a modernização das cidades, expressa através da implantação dos transportes urbanos e das ferrovias, entre outras melhorias.

Da Europa brotavam as ideias em prol da modernização das paisagens urbanas e do liberalismo, que se adequavam aos interesses de um "novo indivíduo", servindo de suporte à defesa de seu direito de liberdade. A sociedade tradicional foi aos poucos perdendo o seu domínio sobre o homem e a ordem estabelecida era claramente contestada.O homem sentia-se livre para progredir, de acordo com o modelo liberal europeu, pois rompera as barreiras antes impostas pela ação da igreja católica.

A segunda metade do século XIX, quando da consolidação do sistema capitalista, estampado através das mudanças advindas da modernização dos meios de produção e dos transportes, com a introdução da máquina a vapor, o uso das ferrovias e dos bondes elétricos, consagrava o progresso como apogeu do processo de racionalização.Daí ter sido uma época decisiva ao crescimento das cidades e à implantação das melhorias urbanas, não apenas na Europa, mas em regiões dependentes, como a América latina.

Entretanto em relação às mudanças modernizadoras, no Brasil, o caso de Fortaleza apresentava uma particularidade, pois somente nas últimas décadas do século XIX, mais precisamente a partir dos anos oitenta, foi iniciado o processo de urbanização, com a implantação de alguns serviços urbanos: a instalação do transporte coletivo, feito por bondes de tração animal e o início da construção do Passeio público, situado na antiga Praça dos Mártires e que passou a ser o ponto de encontro e de

sociabilidade da elite e também do povo, a inauguração do decantado "cabo submarino", que permitia um contato mais rápido com a Europa, em 1882, e também do serviço telefônico na cidade e da primeira fábrica de fiação e tecidos em 1883.

No costumeiro hábito do "uso e abuso das generalizações," também empregado na explicação das mudanças registradas, na "era do capital," situar a instalação do Seminário da Prainha n curso das melhorias urbanas implantadas, considerando-o como um dos ponto de partida do processo de modernização urbana de Fortaleza, constitui uma explicação que, a nosso ver, não corresponde à realidade.

Na verdade, o conservadorismo da ordem lazarista, defensora de uma rígida mentalidade moralista, representava uma barreira defensiva à propagação dos ideais liberais burgueses, que se adequavam às normas de algumas correntes protestantes. (GADELHA,2005).

A instalação do Seminário da Prainha, embora fosse considerada como um marco educacional na sociedade da época, de acordo com o modelo instituído e os propósitos de sua implantação, na realidade significava mais uma barreira simbólica, edificada para fazer frente à ameaça de laicização da sociedade. E nessa contrapartida, naquele momento, o Seminário da Prainha configurava sua maior relevância, ou seja, era trabalhado como um celeiro de formação sociocultural do Ceará, idealizado nos parâmetros religiosos, para combater a propagação das ideias racionalistas, pois, ao contrário do que se poderia supor, ele constituía uma veemente oposição àquela "modernização nacionalista", que defendia uma proposta liberal para a sociedade, moldada não apenas sob a tutela do estado, mas pela difusão dos costumes seculares e por ideias temporais que abalavam o antigo prestígio da Igreja Católica.

A defesa das verdades teológicas constituía um escudo à ameaça das ideias modernizadoras, conforme se constata através da opinião do bispo diocesano, Dom Manuel da Silva Gomes, em carta destinada ao papa Pio X, após um Congresso Eucarístico, realizado em Fortaleza, algumas décadas após a instalação da Prainha.

No Brasil não houve modernismo. disto testemunham os Exmos. bispos do norte em carta colectiva dirigida ao S.P. Pio X depois do Congresso de Fortaleza de 1911; atestam S.S.Ex.Ex. 'tam in clero quam in Seminariis coeterisque catholicis institutis sanam vigere doctrina...' (tanto no clero quanto em seminários ou outros institutos católicos florescem uma doutrina sã). Nem por isso devemos ignorar o que seja modernismo, pode aparecer entre nós e sabe-lo, reconhecer e refutar é obrigação nossa, como até todo christão instruído.²

Por isso, a defesa das verdades teológicas ante as ideias modernizadoras permaneceu como um escudo indispensável à preservação dos valores estabelecidos pela tradição católica, mesmo na segunda metade do século XX.

² Correio Ecclesiastico. Anno II, mar. 1914, n. 10, p. 26.

Com a saída dos padres lazaristas, em 1963, o Seminário ficou sob os cuidados dos padres seculares. Posteriormente, além de abrigar jovens destinados ao sacerdócio, o Seminário foi aberto aos leigos, que se dedicavam aos estudos sobre a doutrina da igreja católica. Para o ingresso dos leigos, era exigido que tivessem concluído uma Faculdade e se dedicassem ao curso de Antropologia, ali ofertado.

Se a instalação do velho Seminário associou-se ao processo de urbanização da capital cearense, onde a modernização despontava como alvo almejado pelas autoridades constituídas e pela intelectualidade local, a saída dos padres lazaristas, da sua direção, em 1963, um ano antes das comemorações do centenário da sua fundação, pode ser apresentada como uma ocorrência demonstrativa dos reflexos da pós-modernidade? Na verdade, os comentários que tentam responder a esta indagação se expressam sem clarividências, que rimam com reticências, pois algumas das explicações, acerca desse evento, nos parecem paradoxais, pois não convencem um pesquisador acostumado a elaborar indagações no curso da história.

A responsabilidade não deve ser atribuída apenas aos padres lazaristas, moralistas e rígidos disciplinadores, que decidiram entregar a direção da casa ao Arcebispo Dom José de Medeiros Delgado, após um escândalo registrado, quando um dos internos, do Seminário Maior, foi flagrado. expondo os seus órgãos sexuais, por uma fresta de uma das janelas do primeiro andar, o que provocou reclamos dos residentes e frente ao Seminário e levou os Lazaristas a expulsar diversos seminaristas, que se posicionaram a favor do infrator, considerado uma vítima do sistema. Também não foi o ímpeto inovador do Concílio Vaticano II, que abalou toda a tradição da igreja católica, o responsável pelo declínio da conceituada instituição. Na verdade, em 1963, o Concílio ainda está em realização e as mudanças só se fariam presentes mais tarde nos seminários.

E não foi apenas o Seminário da Prainha, que passou por uma crise institucional. Sucessivamente, diversas casa; de formação eclesiástica foram sendo fechadas, não apenas no Ceará, mas em estados onde a direção dos seminários tinham sido entregues aos padres seculares, alimentados pelas ideias reformistas da época, como aconteceu com o seminário arquiocesano do Recife. Além disso, em dezembro de 1966, os padres seculares, que haviam assumido a direção da Prainha, com uma proposta inovadora foram os responsáveis pela decisão de fechar a Instituição, atendendo a recomendação do Arcebispo de Fortaleza.

Na realidade, as causas dessa crise institucional foram múltiplas e foi a opinião de um padre, pertencente ao clero sobralense, o respeitado Padre Oswaldo Chaves, que nos pareceu como a argumentação melhor embasada. ele afirmou, numa interpretação alegórica que, a nosso ver, expressa muito bem o fechamento do Seminário e que pode ser aplicada aos seus dois momentos críticos, ao ressaltar que "não foram os lazaristas que saíram, não, foi um barco que afundou". Na realidade, mesmo com o ímpeto

renovador do Vaticano II, aquele modelo não se adequava à turbulência das águas revoltas, dos anos sessenta, pois não atendia às expectativas almeçadas.

A MEMÓRIA INDIVIDUAL E A MEMÓRIA COLETIVA DOS EX-INTERNOS DE SOBRAL SOBRE O SEMINÁRIO

Memórias individuais

De um total de 51 entrevistas realizadas, em Fortaleza, Sobral, Crato, Cascavel, Iguatu, Crato, Brejo Santo, Beberibe, Groaíras, Pindoretama, Limoeiro do Norte, no Ceará, São Luís-Ma, Teresina-Pi, João Pessoa, PB e Belo Horizonte, MG, 09 foram realizadas com um bispo, padres e ex-seminaristas da Diocese de Sobral.

O critério de escolha dos entrevistados não foi aleatório, mas se baseou nas funções exercidas naquela instituição pelos entrevistados, que ocuparam as funções de professor, aluno, padres e ex-seminaristas, dando ênfase às funções ali exercidas ou a representação que desempenharam, ao longo de sua estada na referida instituição.

Alguns deles tiveram as suas entrevistas reproduzidas na íntegra, em função dos cargos ocupados ou da sua atuação, seja como aluno ou professor de um determinado nível, na instituição, seja pelas respectivas representatividades que retiveram ao longo do período estudado.

Em relação à Diocese de Sobral, dois entrevistados foram selecionados, O Padre Oswaldo Carneiro Chaves e o ex-seminarista Modesto Siebra Coelho. A escolha do primeiro dispensa comentários, para quem conhece a história do clero cearense, pois foi professor do Seminário de Sobral, além de ser destacado como um excelente professor de português e poeta. O segundo foi considerado representativo, uma vez que estudou nas duas instituições eclesásticas, nos seminários de Sobral e de Fortaleza.

As informações prestadas pelos dois depoentes nos são valiosas, uma vez que revelam diferentes visões, apesar do laço comum de reconhecimento da instituição rememorada, pois cada um deles apresenta um testemunho das experiências vividas, em diferentes e em simultâneos momentos históricos do processo analisado.

Nascido no município de Granja-Ce, o Pe Oswaldo, onde cursou o primário, foi através da divulgação da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS), que ele e três colegas se sentiram motivados a ingressar no Seminário de Sobral. Mas a escolha definitiva dos três candidatos foi confirmada, após uma entrevista realizada por Dom José Tupinambá da Frota, quando de uma visita à paróquia onde residiam. O exame a que o jovem Oswaldo teve de submeter-se foi realizado pelo próprio bispo, uma vez que ele chegara atrasado ao período de seleção dos futuros seminaristas. Outro depoimento, que atestou o zelo de Dom José em conseguir mais seminaristas, foi o do Professor Francisco

Sampaio Sales, pois foi uma visita pastora do Bispo Diocesano e um convite pessoal que o estimulou a ingressar no regime de internato do Seminário

O ensino no Seminário Menor envolvia um curso equivalente aos cursos ginásial e clássico, pois além das disciplinas básicas, como português e matemática, os internos estudavam latim grego e duas línguas faladas, o francês e o inglês. Nas palavras do entrevistado,

Fui para o Seminário da Prainha, em 1946, e nós já sabíamos como funcionava o seu sistema educacional. A gente não estranhou, pois se estranha quando é ruim, mas como era folgada a disciplina, no Seminário maior, eu a achei boa. Não que eu me desse mal com a disciplina, como eu já disse aqui, quase de caserna, no Seminário Menor. Na Prainha, acordando às cinco da manhã, fazendo ginástica sueca, tudo em silêncio, todo dia, exceto no domingo e na quarta-feira. Nós tínhamos esporte e da disciplina, sobretudo do ambiente cordial da Prainha. Nós tínhamos a divisão dos menores e dos maiores e só nos encontrávamos no refeitório, e na capela. Fortaleza tinha essa divisão, na verdade eram dois seminários.

Ao analisar o histórico da instituição, justificando a saída dos padres lazaristas da sua direção, afirmou "não foi o rato que saiu do navio, foi o barco que afundou." Justificou a situação vivida naquele momento, considerando-o como uma encruzilhada histórica, lembrando que não foi o Seminário da Prainha que foi fechado, mas muitos outros, inclusive o de Sobral.

O entrevistado não reconheceu apenas pontos positivos no ensino ministrado na Prainha, indicando como deficiência o ensino de algumas disciplinas, como Teologia Dogmática, deixando a entender que alguns professores não preparavam as aulas a serem ministradas.

Como uma das marcas da formação, ali recebida, destacava-se uma campanha forte contra o laicismo. Havia inclusive hinos, como se os seminaristas fossem guerreiros, que tinham de lutar contra a racionalização decantada no mundo secular. A distância que separava os internos do mundo laico foi lembrada nos dias de carnaval, quando os seminaristas tinham aulas normais e tinham que rezar, diariamente, diante do Santíssimo Sacramento, em desagravo ao Coração de Jesus, maculado pelo carnaval.

Da sua turma de colegas quatorze foram ordenados, sendo três de Sobral e a maioria dos colegas era gente simples. Como o seu pai era comerciante, teve que pagar as mensalidades ao Seminário, embora a maioria fosse apoiada pela ajuda financeira da Obra das Vocações Sacerdotais.

No Seminário maior não havia arguição, cada aluno era entregue a si mesmo, mas os alunos faziam os exames escritos. Só havia o exame oral, chamado de madureza, quando o candidato terminava o curso de Teologia Moral e Direito Canônico. Em Teologia as provas eram feitas em português, mas os compêndios eram todos em latim. Em Filosofia não havia livros disponíveis, para cada aluno, pois foi no período da segunda guerra mundial, quando vinha nada da Europa.

Dentre as opções de lazer, o teatro era pouco apresentado e quando o realizava, as peças eram voltadas a temas religiosos. Quando os seminaristas voltavam das férias, tinham a obrigação de dar conta do ocorrido e por isso havia um atestado, que o vigário tinha de assinar, respondendo a algumas perguntas de vigilância. Nas palavras do Padre Oswaldo,

Havia um colega nosso que chamava as mulheres de "máxime". Ele foi vigário de Ubajara durante muito tempo, o padre Moacir Cavalcante. "E aí, uma "máxime" quer falar comigo?" Isso porque havia uma pergunta, no regulamento de férias que afirmava: "mostrou-se livre com leigos, máxime com senhorinhas?" E a gíria pegou.

Filosofia era considerada uma disciplina básica na formação do Seminário maior, mas o conteúdo estudado era baseado em Aristóteles e em santo Tomás de Aquino, os outros sistemas filosóficos eram considerados secundários.

Uma das afirmativas do entrevistado que me impressionou foi a relativa à formação dos novos padres, que na sua opinião os padres são bem melhores do que os da sua época de internato, mas ele não se referia à formação do ponto de vista humanístico, mas em relação às festas litúrgicas e ao contato com os fieis.

Modesto Siebra Coelho começou o curso ginasial, no Seminário da Prainha, mas o concluiu no Seminário de Sobral, o que nos permitiu observar dois espaços diferenciados de vida de internato, além de ter sido aluno do primeiro e segundo anos do curso clássico, implantado na Prainha, após a saída dos lazaristas.

A razão de sua ida ao Seminário foi puramente familiar, sobretudo uma influência do seu pai e de sua mãe e também da grande família onde havia padre e freira e as famílias ansiavam por ter um filho dedicado à vida religiosa. Na sua opinião,

Eu sou daqueles que dizem que a experiência na Prainha foi muito boa, inclusive, resumo no seguinte, como sempre disse, brincando: foi muito bom ter ido para o Seminário, foi melhor ainda ter saído, porque eu acho assim, o Seminário era, de certa forma, e naquela época e naquele contexto histórico, era uma escola de qualidade.

Uma das características que ficaram na memória do entrevistado é o que denominou de "convivialidade," ou seja, as condições favoráveis a manter amizades,

consolidando a solidariedade do saber viver coletivamente, com o pensamento voltado não apenas aos próprios interesses, mas com a permanência do interesse coletivo como guia das ações cotidianas.

Embora o sistema educativo o que ensinado a estudar, o método de ensino era tradicional, onde decorar textos, denominado pelos internos como "decoreba" era mais importante do que compreendê-los.

Sua permanência no Seminário da Prainha foi até 1965, quando saiu da instituição, mas em 1962 tinha ido para o seminário de Sobral, motivado pelo Padre José Linhares, reitor do Seminário de Sobral, que tinha ido fazer umas pregações em sua terra natal, Itapipoca, no período de férias. Nas suas palavras,

Foi a melhor coisa que eu fiz. O Seminário de Sobral foi muito diferente da Prainha. Primeiro, havia uma abertura, abertura em todos os sentidos. O reitor era muito jovem, cearense, um homem que tinha uma certa visão, que militava, embora levemente, ela já militava com esses movimentos sociais da igreja. Era o líder em Sobral, da Juventude Estudantil Católica (JEC), que depois atuaria junto com a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária (JUC), que depois congregaria os que militavam na política, tanto que os seus seguidores foram muito perseguidos pelo golpe de 1964.

Quando ele foi para Sobral, em 1961, o Seminário da Prainha já era muito criticado pelos que não aceitavam o velho modelo de formação eclesial, onde os chamados padres-prefeitos, responsáveis pela manutenção da disciplina, vigiavam muito os alunos, não havia liberdade de leitura, nem de expressão, era um sistema altamente vigiado. Não se podia ter conversas mais livres, pois tudo chegava aos ouvidos dos vigilantes lazaristas. Não se podia ter amizades sólidas, pois se desconfiava de um possível atentado à moral consagrada.

Comparando o ensino do Seminário de Sobral com o da Prainha, após a saída dos lazaristas, o primeiro lhe parecia mais produtivo. Os novos professores da Prainha não lhe pareciam tão eficientes, salvo exceções, como o padre Petrola e havia um padre que passava a aula lendo o que estava no livro e o aluno como mero espectador, não havendo uma interação entre professor e aluno, nenhuma discussão, mesmo nas aulas de filosofia.

Um dos pontos positivos, do sistema educacional da Prainha, era o êxito de quem por ali passava. Apesar das limitações, o ensino ali ministrado superava o das tradicionais escolas leigas do Ceará. O êxito profissional figurava como assegurado aos antigos internos na Prainha. Nas palavras do entrevistado,

Acho que obtive uma boa formação no Seminário, como eu te disse, foi um treino, um treinamento para o cidadão que veio depois, para o intelectual, para o estudo, para

o próprio professor que veio depois, a minha vida ali se forjou. Talvez eu fosse um cidadão completamente diferente se eu tivesse ido para o exército ocupara a marinha, porque na minha família era assim, o meu pai botava o pessoal para a igreja, mas tinha um tio que o negócio dele era que todo mundo fosse militar.

Memórias Coletivas

As memórias individuais se associam às memórias coletivas, como uma representação do imaginário sacralizado, a respeito do histórico da velha instituição de formação eclesial. O conteúdo de cada uma das entrevistas realizadas tem um significado especial, pois revela a ênfase de cada narrador, no relato do seu cotidiano, associado às práticas coletivas, típicas de uma instituição educacional, que abrigavam diferentes personagens históricos, seja considerando a sua origem social e a maneira de ser e de agir de cada um deles. Nessa dimensão, as memórias coletivas não apagam o fulgor das memórias individuais, que não se estruturam sem esse enlace entre o individual e o coletivo.

Dentro do rigor na aplicação das normas morais, há um curioso caso relativo a um seminarista, denunciado por uma moça, mas que depois voltou ao Seminário e conseguiu ordenar-se, assim narrado pelo padre Cassiano

Durante as férias uma moça fez uma carta para o reitor do seminário, dizendo que tinha sido assediada pelo... O padre Montalvão, que era reitor, reuniu todos os seminaristas, leu a carta e foi taxativo: "você vai passar três anos fora do seminário. Depois dos três anos, se tiver vocação, volta.

Antônio Silveira Bastos,, que chegou a se ordenar, afirma "Eu não saí para me casar. Eu me casei porque saí." Entretanto, acrescentou

E o celibato nada tem a ver com o sacramento da Ordem. É até uma espécie de heresia, pois São Paulo disse que os sacramentos são canais de santificação, Ora, se cada um é um canal de santificação e cada um tem a sua graça específica [...], o papa ou o bispo estão negando um sacramento [...] Eu acho que devia haver dois tipos de clero: o clero celibatário e o clero por opção.

Se múltiplas foram as experiências vividas no Seminário da Prainha, de acordo com as informações prestadas pelos entrevistados, diversas poderiam ser as explicações

para indicar as razões que levaram os lazaristas a abandonarem a direção dessa conceituada instituição, à véspera da comemoração do seu centenário.

Para O Monsenhor Edson Magalhães, " o processo havia começado desde muito antes."E acrescentou que " um processo já estava em andamento.Com certeza, entre lazaristas e seculares, que trabalhavam no Seminário, não havia afinidade." Para ele, a saída dos lazaristas foi "um somatório de causas."

O padre Albani Linhares de Figueiredo ressaltou que o ensino tradicional dos lazaristas não estimulava o senso crítico e o ímpeto inovador da proposta apresentada pelo padre Josafá, um lazarista que abandonou a referida ordem

Na hora em que o Josafá fez uma conferência sobre os existencialistas, afirmando que tudo que é verdadeiro é bom e tudo que é bom é mau, surgiu a possibilidade da gente começar a ter senso crítico.

Ainda sobre o conteúdo filosófico transmitido, ele relembra que

[,,] as discussões eram mais na parte do ser, da Escolástica mesmo, mas o resto dos posicionamentos teóricos da Escolástica transpiravam posições retardadas, retrógradas e as avançadas.

O professor Luiz Dias Rodrigues, o Luizito, assim definiu o conteúdo filosófico ministrado na Prainha:"A Escolástica,Filosofia "Ancila Theologiae",Filosofia, a escrava da Teologia. Interessante que o depoente guarda boas recordações dos lazaristas

Gostei muito dos lazaristas.Havia muita gente boa.Havia o padre Tomé, que era professor de história, uma das melhores recordações.Competente, culto.O próprio padre Almeida, que era disciplinário,que o pessoal achava meio rígido, eu me dava muito bem com ele.

E o referido depoente não constava no rol dos acomodados ou reacionários.Pelo contrário, sempre foi polêmico, afirmando que não deixou o sacerdócio, em virtude do celibato, mas

A Igreja me pareceu bastante oportunista e injusta, quer dizer, vários colegas se dedicaram a procurar justiça, quer dizer, o reino do céu é algo que existe, mas ele começa ser materializado.Quando houve esse golpe militar safado de 1964, aí a igreja se omitiu...Você viu capelães militares celebrando missa, recebendo esse negócio, a revolução, que torturou gente e eu terminei preso no Recife.

Sobre a crise vivida, quando os lazaristas dirigiam a Prainha, nos asnos sessenta, Dom Edmilson da Cruz, que foi convidado a trabalhar no Seminário, após a saída desses

religiosas, explicou que as mudanças registradas na década de sessenta, na igreja católica, não constituíam um movimento "só no sentido da fé, mas no sentido da disciplina." E os que dirigiam o Seminário "sentiriam dificuldade em se adaptar." E acrescentou

Eu lembro que já estava havendo uma porção de dificuldades em sanar esses sentimentos em relação a essas novas tendências e idades jovens, aquele ardor juvenil. Eu sei que os lazaristas se apresentaram ao arcebispo Dom Delgado destacando as dificuldades e afirmando que não tinham mais condições. Assim, eles desistiram da administração à frente do seminário, como diretores... Foi quando Dom José Delgado confiou a direção do Seminário ao clero diocesano, nomeando para reitor o monsenhor Gerardo Ponte, pároco da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Fortaleza. Monsenhor Gerardo pediu a Dom José que fizesse vir de cada diocese um padre que tivesse prática na direção do Seminário. Por isso fui chamado, o padre Luiz Antonio, do Crato e o Ernani, de Limoeiro.

O professor Francisco José Loyola Rodrigues, a respeito do fechamento da Prainha, quando os padres leigos haviam assumido a sua direção, afirmou, numa análise ampla sobre a situação

Lamentavelmente como foi o fechamento do Seminário da Prainha em dezembro de 1966, por uma decisão infeliz de quem quer que tenha sido, houve causas para o mal estar que se criou. A ebulição juvenil captando as aragens dos novos tempos teve um caráter de antecipação na Prainha. Daniel Cohn-Bendit em Paris e Angela Davis na Califórnia, em 1968, foram meros epígonos da inquietação do Dioguinho de 1966 na Prainha.

Diogo, do Seminário maior, fizera "um discurso iconoclasta," muito aplaudido pelos colegas, contra o modelo sacerdotal, idealizado pela igreja católica daqueles dias. O referido professor atribui ao Arcebispo Dom Delgado um descaso com o Seminário, que pouco frequentava essa instituição e a decisão final foi dele.

O monsenhor Francisco Manfredo Tomás Ramos, proveniente da diocese de Sobral, onde cursou o Menor, concluiu Filosofia, Teologia e o próprio Doutorado em Roma, ali vivendo durante onze anos, ao regressar ao Ceará foi convidado pelo Dom Delgado para lecionar no Seminário, como representante de uma outra diocese. Nas suas palavras

Eu acho que foi um acontecimento tão pesado, quase, eu diria, esdrúxulo, que não dá para entender. A pessoa tem dificuldade, todos nós temos. Eu vejo, olhando assim mais de longe, como consequência não de

desentendimentos ou de atritos locais, pequenos, mas como consequência de uma transformação que foi do mundo inteiro, não foi só o Seminário da prainha que entrou em crise. Depois do Vaticano II, ainda por muitos anos, estava em ebulição essa vida interna, disciplinar e mesmo acadêmica dos seminários do mundo todo. E no Brasil, particularmente, foram vários seminários que fecharam.

Diversas foram as causas do fechamento do Seminário e não devemos sobrepor uma delas às demais, afinal o seu fechamento não constituiu uma ocorrência isolada, mas a manifestação do curso da história, o resultado de um impacto mais amplo, numa fase de crise da Igreja católica. Por isso, mais uma vez reafirmamos a alegórica afirmação do Padre Oswaldo Carneiro Chaves, segundo a qual "não foram os lazaristas que saíram, não, foi um barco que afundou." Na realidade, mesmo com o ímpeto renovador do Vaticano II, aquele modelo não se adequava à turbulência das águas revoltas, dos anos sessenta, pois não atendia às expectativas almejadas.

As entrevistas realizadas não constituem fontes secundárias, nem complementares, mas foram escolhidas não apenas pela carência de documentação disponível. Através das entrevistas realizadas com professores e alunos da instituição, procuramos estabelecer uma análise, recorrendo às histórias de vida, envolvidas na dinâmica da "memória coletiva ou "memória social, (HALBWACHS, 1990; FENTRESS e WICKHAM, 1992), procurando descobrir a relação da vida privada com os espaços sociais dos agentes históricos, envolvidos no processo, a fim de melhor perceber o alcance cotidiano na nossa formação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CORREIO ECLESIAÍSTICO. Anno II, mar. 1914, no. 10.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado.** Lisboa: Teorema, s.d.

GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **O Ceará na trilha da nova fé: o presbiterianismo no Ceará. (1883-1930).** Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, UECE, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice editora, Revista dos Tribunais, 1990.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

